

## Edmundo Villani-Côrtes (1930): trajetória, obra e situação na música brasileira

**Iracele Vera Lívero**

Unicamp/CIDDIC –Pesquisadora colaboradora  
iracele.livero@gmail.com

### 1. Trajetória


Edmundo Villani-Côrtes vem à luz ao final de um ano de transformações na feição do Brasil que se conhecia até então. Eram tempos difíceis, tempos de revolução, tempos de guerra. A família era de músicos; o pai, Augusto, flautista; o tio, também Augusto, tocava violão e, convocado para a guerra, deixou o instrumento que o pequeno Edmundo começou manipulando. Mas logo passou ao piano o qual ficou sendo seu instrumento desde os 17 anos. Este, então, começa por lhe dar as primeiras oportunidades profissionais, como pianista de bailes, como também o instiga a realizar as primeiras composições. Inclusive o levou a ingressar, em 1952, no sétimo ano do Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro, para onde viaja constantemente até, pouco depois, lá se estabelecer.

O primeiro momento composicional significativo vai ocorrer em 1955 quando, no Cine-Teatro Central de Juiz de Fora, sua cidade natal, estréia seu Concerto nº1 para piano e orquestra, tendo o compositor como solista e, como regente, Max Geffer, um violinista refugiado da guerra.

Talvez porque, como diz o próprio Villani-Côrtes, “naquela época eu não tinha tido aula de composição” o concerto tenha impressionado o público como obra de resistência pós-romântica, que ela de fato é. Lembra o poeta Affonso Romano de Sant’Anna, seu amigo, que “aos meus olhos de adolescente ele é um Tchaikovsky, um Rachmaninov, um Chopin, que arranca sonoridades românticas e patéticas”.

Desde o início de sua carreira criativa, Villani-Côrtes irá se pautar pela intuição que segue ao processo interiorizado de *métier* composicional – e sempre com uma independência particular e original.

Ele volta a residir em Juiz de Fora entre 1955 e 1959, período em que também cursa Direito (e se forma), ao mesmo tempo em que assume a direção do Conservatório Estadual de Música.



Em 1960 muda-se para São Paulo, onde fixa-se definitivamente. Na capital paulista vai estudar com o pianista e renomado professor José Kliass (de 1960 a 1963) e participar de várias orquestras populares, como a de Osmar Milani e de Luiz Arruda Paes. Vai acompanhar ao piano diversos cantores de carreira consagrada, como por exemplo, Altemar Dutra. E ainda conseguir estudar composição com o líder da escola nacionalista, Camargo Guarnieri (entre 1963 e 1965).

Com dificuldades financeiras e muitos compromissos profissionais com artistas em *tournée* internacional, como Maysa Matarazzo, por exemplo, acaba por deixar de freqüentar as aulas com Guarnieri.

Uma das atividades capitais de Villani-Côrtes entre os anos 1960 e 1980 é a de arranjador. Compôs a trilha sonora do filme "O Matador", de Amaro César e Egídio Écio e foi o principal arranjador de estúdio da antiga TV Tupi, junto ao maestro Bernardo Federowsky. O próprio compositor testemunha que nessa época provavelmente tenha escrito mais de mil arranjos.

Esse mesmo maestro Federowsky era também diretor da então recente Academia Paulista de Música, que se situava atrás do atual Museu de Arte de São Paulo, MASP. Por esta escola passaram algumas das mais importantes personalidades e educadores musicais de São Paulo, como Barros Garboggini, Henrique Gregori, Koellreutter. E foi nessa escola que surgiu o professor Villani-Cortes. Ele ingressa em 1973, nas disciplinas de harmonia funcional, arranjo e improvisação, nas quais toda a prática e os ideais de integração da música popular e da música erudita, situados na imaginação e no impulso composicional incessante de Villani-Côrtes põem-se a serviço do ensino.

Em 1977, havendo o interesse dos seus alunos pelas aulas e pelas idéias de Hans-Joachim Koellreutter, colega de Villani-Cortes na Academia, ele não só liberou os alunos para as aulas como resolveu participar ele mesmo. Nessa época Koellreutter voltava da Índia onde tinha sido diretor do Goethe Institut e trazia, além do habitual posicionamento vanguardístico já sedimentado pela longa vivência do Música Viva e após, também novas inflexões orientalistas.

Com o fim da TV Tupi, as mudanças radicais nas maneiras de exercer o arranjo e a chegada dos 50 anos de idade, Villani-Côrtes começa a se dedicar mais sistematicamente à composição. É então que é convidado a ser professor de contraponto e composição no então recentemente criado Departamento de Música da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, a UNESP, que incorporara o Instituto Musical João Julião de São Bernardo do Campo. Aí Villani-Côrtes permaneceu até sua aposentadoria, em 2000.

Entre 1985 e 1988 defendeu sua dissertação de mestrado, sob o título "O uso do sintetizador na composição musical de um Concertante para clarineta, sintetizador, piano acústico e percussão", na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, sob a orientação de Henrique Morelenbaum.

Entre os anos 1980 e 1990 recebe muitos prêmios, como regente, arranjador e compositor, como por exemplo, o primeiro e terceiro lugares no Concurso da Editora Cultura Musical em 1986, o primeiro lugar no Concurso de composição Mário de Andrade de 1993, o Concurso Noneto de Munique, de 1978, entre outros importantes. Em 1989 seu Ciclo Cecília Meireles recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como melhor obra do ano.

Com sua produção sempre crescente, hoje Edmundo Villani-Côrtes, do alto de seus 84 anos, dedica-se em tempo integral à composição, seja sendo regente convidado da Orquestra Jazz Sinfônica, seja arranjando para ela, seja dando aulas na EMESP ou particulares, seja ainda executando ou acompanhando sua esposa, a excelente cantora Ifigênia Côrtes – compondo, incansavelmente compondo.

## **2. Obra**

Certa feita disse Edmundo Villani-Côrtes sobre seu caminho composicional: "o meu jeito de compor está ligado à minha vida. A composição surgiu para mim como forma de expressão. Descobri que aquelas coisas que eu tinha vontade de dizer eu ia conseguir expressar através da música".

A produção de Villani-Côrtes é caudalosa e, segundo ele próprio, não se limita a "idéias", "escolas", "fases": "não consigo entender isso de fase, escola, etc. Você usa a idéia musical de acordo com o gosto, intenção, etc. Ficar aguilhoado a uma só coisa não faz sentido".

No entanto o conjunto da obra variou um pouco ao sabor dos conhecimentos adquiridos; porém, a não ser no final da década de 1970 e começo da de 1980, não houve grande ou maior investimento na contemporaneidade. Ela permanece, em sua maioria, tonal ou próxima do tonal.

A obra é extensa e variada. Villani-Côrtes escreveu obras sinfônicas (duas sinfonias, Caeté Juarê para orquestra sinfônica), para orquestra de cordas, de sopros (Congada), uma ópera (Poranduba), música concertante em profusão – piano e orquestra, clarinete e orquestra, flauta e orquestra, voz e orquestra, trompete e orquestra, entre outros – muitas e variadas combinações em música de câmara, duos, trios, quartetos, quintetos, sexteto, canções de câmara e outras peças vocais, música solística não só para piano e violão, mas para diversos instrumentos, música sacra

(cantatas e um Te Deum). Segundo o próprio compositor, “dos instrumentos de orquestra, só não escrevi concerto para harpa, fagote e tuba”.

Há a se destacar algumas obras de catálogo tão volumoso e ainda em construção, tanto pela consagração e contínuas execuções, como ilustração de caminho composicional.

Em primeiro lugar, na obra de câmara, as MINIATURAS, original para flauta e piano e com versões para várias outras formações, a ressaltar também a interrelação do criador e do arranjador idealmente.

Depois, ainda na música de câmara, ROIATI original para quarteto de cordas e piano, também com muitas versões.

Dentre as peças para piano solo destaca-se o conjunto das RITMATAS, peças com algum apoio de efeitos e escrita contemporânea. Além disso, a série de TIMBRES, escritas na fase em que Villani-Côrtés estudou com Koellreutter, com algum investimento serial. Assim também seu CONCERTO Nº2, para piano e orquestra e seu NONETO, para oboé, clarinete, fagote, dois violinos, viola, violoncelo e contrabaixo, vencedor do concurso Noneto de Munique, em 1997.

Da enorme quantidade de música vocal, têm destaque algumas canções de câmara importantes, como RUA AURORA, com texto de Mário de Andrade, vencedora do concurso Mário de Andrade de 1993; o ciclo CECÍLIA MEIRELLES, que consignou ao compositor o prêmio da APCA como melhor obra do ano de 1989; e também BAILE IMAGINÁRIO, com texto de Julio Bellodi; POEMA, com texto de Affonso Romano de Sant’Anna; QUANDO EU MORRER, com texto de Mário de Andrade; CONFISSÕES, com texto de Laerte Freire; VENTO SERRANO, para tenor, trompa e piano com texto de Francisco Moura Campos. Ainda na produção vocal temos a ópera PORANDUBA e uma Cantata, com textos importantes e aparentemente não musicáveis: AI-5, CARTA RENÚNCIA DE JANIO QUADROS e CARTA-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS, para mezzo soprano, quinteto de metais e piano, de 2000.


Conforme o historiador e musicólogo Vasco Mariz, Villani-Côrtés maneja a voz com bom gosto e habilidade.

Destaco, na música sinfônica, a SINFONIA Nº2 e CAETÊ JURUÊ, de 1990.

Por fim destaco CHORO PRETENCIOSO, para violão solo, de 1986 e o TE DEUM, de 1999, para solistas, coro e orquestra, composto em comemoração ao aniversário de sua cidade natal, Juiz de Fora, como obras de permanência em seu repertório.

### **3. Situação na música brasileira**

Observa o maestro Lutero Rodrigues que o Brasil, apesar de ter tido (e talvez continuar tendo) poucas escolas de música institucionalizadas



zadas, teve sempre um número surpreendentemente alto de bons compositores. Rodrigues pensa, naturalmente, na faceta autoinstrutiva do processo de formação musical de um grande número de compositores que, depois, procuraram, em muitos casos, expandir, completar ou, mesmo, sedimentar essa formação com outros mestres – às vezes mestres estes que tiveram a mesma trajetória...

Edmundo Villani-Côrtes aparece e passa sua primeira infância e adolescência num tempo convulso: 1930, ano de seu nascimento, revolução; 1935, intentona comunista; 1939, início da Segunda Guerra Mundial, que termina em 1945 quando Villani-Côrtes contava 15 anos e já estava definitivamente cooptado pela música como carreira e vida.


Nesse período o Brasil vivia o intenso estabelecimento do nacional e o debate do nacionalismo, com o getulismo usando, entre outros meios de ação, a música popular. Por outro lado tínhamos Mário de Andrade, propugnando o nacional e, sempre que possível e não perigoso, combatendo o nacionalismo de estado.

Em 1946 aparece o manifesto do Grupo Música Viva, tendo como promulgadores os compositores Cláudio Santoro, Cesar Guerra-Peixe, Eunice Katunda, capitaneados por Hans-Joachim Koellreutter, em prol da música da atualidade, incluindo a brasileira.

Em 1948, em Praga, acontece o Congresso que irá difundir o realismo socialista na música. Cláudio Santoro, então presente, escreve diretamente de lá. Ele, Guerra Peixe e, posteriormente, Katunda irão se distanciar do então movimento Música Viva, que já propunha o dodecafonismo como técnica composicional e uma integração possível com a expressão da música nacional.

Quando nosso compositor completou 20 anos, portanto em 1950, aparecem as polêmicas das Cartas-Abertas, os posicionamentos acerbos dos nacionalistas, tendo à frente Camargo Guarnieri, contra os musicanovistas de Koellreutter, um momento no qual a riqueza da discussão estético-musical vai para os jornais e debates públicos e inflama posições e composições.

Em 1960 o Movimento Música Nova, subscrito por Gilberto Mendes, Júlio Medaglia, Rogério Duprat, entre outros, aparece para dar uma espécie de basta no caminho nacionalismo versus universalismo – e traz a visão da contemporaneidade de certa forma globalizada, isto é, o novo no mundo para nós e para todos já. Esta década e as de 1970 a 1980 foram de grande dureza do ponto de vista político, socioeconômico e artístico no mundo, entre a Guerra Fria, ameaça constante e embate cotidiano direita/esquerda, como busca de expressão, linguagem e saída. Foram anos de grande e profunda experimentação na música, à qual Villani-Côrtes ingressa



a partir do contato com o serialismo dodecafônico, em princípio, depois o serialismo em geral.

De 1990 em diante Villani-Côrtes por um lado segue uma tendência mundial do pós-modernismo musical, tanto em relação à técnica quanto à filosofia: os processos e as motivações são os meios os materiais básicos do compositor. Entretanto, como que passando quase ao largo dos problemas estéticos mais infringentes ou talvez espinhosos do fim de século XX, ele continua inexoravelmente homofônico, acreditando na melodia como significação do discurso musical e na integração possível e acreditável entre música culta, elaborada e música popular, de expressão direta e socialmente interpenetrada.